



Leilão
A maior colecção de brinquedos do mundo está à venda



Hans von Storch
Um ícone dos "negacionistas" do clima



Óscares
E o vencedor é...
Faça as suas apostas

JORNAL DO DIA | PDF | VÍDEOS | MULTIMÉDIA | INFOGRAFIAS | BLOGUES | DOSSIERS |

MUNDO POLÍTICA ECONOMIA DESPORTO SOCIEDADE EDUCAÇÃO CIÊNCIAS ECOSFERA CULTURA LOCAL MEDIA TECNOLOGIA



NOTÍCIAS CALENDÁRIO DÊ NOTÍCIAS CONTACTOS FÓRUM



Foto: Foto: Miguel Manso

Hans von Storch: "Temos de abrir um canal de comunicação com os cépticos"

18.02.2011

Ricardo García

O problema do aquecimento global é real mas este cientista crítico do "alarmismo" climático defende um diálogo com quem não acredita nisso.

Para os chamados "cépticos", que vêm a tese das alterações climáticas como uma fraude académica, os cientistas dessa área são geralmente entendidos como inimigos. Entre os poucos que escapam à sua mira figura o alemão Hans von Storch, de 61 anos, professor da Universidade de Hamburgo e director do Centro de Investigação Costeira em Geesthacht. Von Storch é extremamente crítico em relação a muitos dos seus colegas, que qualifica como alarmistas, e também ao painel climático da ONU, o Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas (IPCC). Ao mesmo tempo, é um investigador insuspeito, que publica artigos nas melhores revistas científicas e merece amplo reconhecimento internacional. Com estes dois atributos, tornou-se num ícone dos "negacionistas" do clima - situação que não o incomoda. O cientista climático, que muitos preferem chamar de "realista climático", esteve em Lisboa recentemente e conversou com o P2.

A ciência está resolvida quanto ao facto de as alterações climáticas nas últimas décadas serem reais e causadas pelo homem?

Eu diria que a ciência está resolvida quanto a haver um aquecimento e que este aquecimento não pode ser explicado sem os gases com efeito de estufa. Está resolvida quanto à expectativa de que a concentração dos gases com efeito de estufa continuará a subir e que, por isso, a temperatura irá também subir. E que temos a possibilidade de desviar este processo, até a um certo ponto, através da limitação das emissões. A ciência não está resolvida no que se refere à subida do nível do mar, às tempestades tropicais e a vários outros temas.

Está resolvida em relação ao que se observou até agora, mas não em relação aos impactos futuros das alterações climáticas?

Não. A ciência não está resolvida em relação ao que aconteceu com os furacões, com o nível do mar. Há muitos assuntos sobre os quais temos de pensar mais acerca dos desenvolvimentos nas últimas décadas.

Não sabemos então ao certo quanto o nível do mar subiu?

A questão é esta: podemos ver uma aceleração da subida do nível do mar nos anos recentes? É de facto mais rápida do que há cem anos? E esta é uma questão crítica, porque a subida do nível do mar de há cem anos não estava relacionada com os gases com efeito de estufa. Só podemos fazer esta ligação se pudermos observar uma subida mais rápida. Tenho a impressão de que a última palavra aqui ainda não foi dita.

É possível travar o aquecimento global?

Sim. Depende de quando o queremos travar. Se se refere às alterações climáticas causadas pelo homem, se estabilizarmos a concentração de CO2 na atmosfera e esperarmos um pouco, então conseguiríamos eventualmente travá-lo.

Esperar um pouco significa quanto?

Podem ser várias décadas. Depende um pouco do que estamos a falar. A temperatura do ar chegará a um equilíbrio mais rapidamente do que certos desenvolvimentos no oceano. Alterações no nível do mar levarão mais tempo.

Costuma dizer que há um certo grau de alarmismo entre os cientistas quanto às alterações climáticas. Por que acha que



O que faz pelo ambiente?
PARTICIPE

148 leitores
0 comentários



Galeria de fotos dos nossos leitores no Flickr >



Ajude-nos a tirar uma fotografia "verde"



vídeo em directo



webcam em directo / live



webcam em directo / live

A frase

"A evolução do mundo vegetal, que é essencial para a nossa qualidade de vida, está sujeita a uma crescente cultura de indiferença e insensibilidade e até a um acentuado egoísmo geracional. No fundo, somos mais ricos em tecnologia, mas estamos mais pobres em Natureza."

António Bagão Félix, economista, "Diário Económico", 14-02-2011

estão a exagerar?

A razão está no desejo de aumentar a urgência sobre o assunto e de proporcionar maior pressão pública sobre as negociações políticas sobre o clima, a nível internacional e a nível dos países. É um argumento de utilidade política.

E os cientistas devem fazer isso?

Creio que os cientistas não o devem fazer. São argumentos políticos legítimos e isto deve ser feito de uma forma politicamente aberta. Também há valores que estão a entrar no processo, e isto é tudo legítimo. No entanto, se alguém se identifica com o papel de dizer a verdade, deve abster-se de apresentar conclusões baseadas em valores. Como um cidadão, sim. Mas deve deixar bem claro que se está a fazer um intervenção como um cidadão, e não com a autoridade da ciência.

Mas não é isto o que as pessoas esperam da ciência, que nos diga com o que nos devemos preocupar?

Sim, mas não como resolver as preocupações.

Devemos estar preocupados com as alterações climáticas?

Creio que nos devemos preocupar com as alterações climáticas. Estou convencido de que as alterações climáticas provocadas pelo ser humano estão a ocorrer e, como disse antes, vão desenvolver-se no futuro. É algo com o qual temos de lidar. Mas há diferentes formas de o fazer e talvez haja também outros assuntos relevantes. Não temos de dar apenas resposta às alterações climáticas, mas também a muitas outras questões. As respostas políticas às alterações climáticas podem depender de respostas políticas a outros assuntos. Os políticos devem estar informados acerca dos resultados científicos, nomeadamente de que se aumentarmos a concentração de CO2 vai ficar mais quente. Os cientistas não devem dizer, porém, que não podemos ter mais do que tantos ou tantos graus Celsius. Esta é uma decisão política e deve ser deixada ao público em geral e aos representantes políticos.

O debate sobre as alterações climáticas tornou-se "histórico"?

Há certamente alguns membros do debate que agem historicamente.

Dentro da comunidade científica?

Com menos frequência do que, por exemplo, em organizações não-governamentais (ONG). Há alguns que agem de modo histórico, mas há muitos que fazem parte de uma discussão bastante razoável.

Gosta da palavra "cépticos" para se referir às pessoas que dizem que as alterações climáticas não estão a acontecer ou não são antropogénicas?

Não me incomoda, uso-a normalmente, porque não tenho uma palavra melhor. Mas os cépticos são um grupo muito diversificado de pessoas, com opiniões muito diferentes. Alguns têm objeções em relação a alguns resultados científicos específicos, mas a maioria parece estar preocupada com as implicações políticas.

O que aprendeu com eles?

Não creio que tenha de facto aprendido muito com os cépticos. Mas sei que quando estou a comunicar com o público, há diferentes tipos de grupos com quem estou a falar. E os cépticos são um grupo, e um grupo legítimo. Eu tenho de ter respostas, talvez me ajudem a dar melhores respostas, a ser mais cuidadoso, mais equilibrado, a limitar-me à minha área de competência e a não falar de algo de que não saiba mais do que um jornalista ou um motorista de táxi.

Não há casos onde os cépticos tenham levantado questões legítimas relacionadas com a ciência? Com Steve McIntyre sobre o gráfico hockey stick [que mostra um aumento recente exponencial da temperatura da Terra]?

Sim, acho que isso foi legítimo. Num caso, ele publicou [um artigo científico] e nós publicamos uma resposta. Ele tinha razão, mas não era relevante, não mudava nada de facto. Mas ele estava certo. Noutros casos, ele nunca publicou, mas sabemos que há questões legítimas que têm de ser respondidas. Neste sentido, aprendemos algo. Mas se as suas questões sobreviverão ao teste do tempo, isso é outra coisa.

Quanta atenção devemos devotar aos cépticos? Há uma enorme comunidade científica a dizer uma coisa e um pequeno grupo de pessoas a dizer outra...

Eu gostaria que tivéssemos um mecanismo que permitisse aos cépticos formular hipóteses específicas e que pudéssemos chegar a um acordo sobre como testá-las. Na verdade, correríamos modelos climáticos para testar as suas hipóteses. É claro que também há, entre os cépticos, pessoas que eu não levaria muito a sério. Mas há muitos que devíamos levar a sério, e ter melhores respostas, permitir que hipóteses bem definidas sejam testadas,



PARTICIPE

Legislação

- ▶ Resolução da Assembleia da República que recomenda ao Governo que promova a utilização sustentável dos solos rurais
- ▶ Resolução do Conselho de Ministros que aprova o Plano de Ordenamento do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina
- ▶ Resolução do Conselho de Ministros que aprova o Plano de Ordenamento do Parque Nacional da Peneda-Gerês

Docs

- ▶ "The Energy Report: 100% Renewable Energy by 2050"
- ▶ Renewable Energy Projections (EEA, Fevereiro de 2011)
- ▶ "Regulating Air Emissions from Ships - The State of the Art on Methodologies, Technologies and Policy Options" (20 de Dezembro)

com os instrumentos que temos à nossa disposição.

Isto poderia ser feito fora do processo normal de revisão científica, o peer review?

Eu preferiria não o fazer. Mas podemos primeiro chegar a um acordo do género: "Vamos fazer uma experiência deste ou daquele tipo." Isto é algo que podemos fazer. O peer review tem mais a ver com publicar ou não [um trabalho científico]. Esta manhã falei com uma pessoa que apontou reservas em relação a determinados assuntos e que pedia a realização de certas experiências com modelos climáticos. E eu tenho a impressão de que essas experiências já foram feitas há muito tempo. Ele não sabia disso, obviamente porque não perguntou às pessoas que fazem este tipo de trabalho. Temos de comunicar melhor. Devemos também tentar descobrir melhor o que [os cépticos] querem. Não é fácil.

Tornou-se numa espécie de ícone para os cépticos, em parte pelas suas posições críticas contra o alarmismo de alguns cientistas. Sente-se confortável com isso?

Sim. Certamente estou a enfrentar alguma oposição, não sou sempre convidado a fazer parte de comissões de aconselhamento político, porque politicamente não sou assim tão útil.

Mas está na equipa que fará o quinto relatório do IPCC [Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas]?

Fui convidado a juntar-me aos autores principais, no Grupo de Trabalho II [sobre os impactos das alterações climáticas], que é o mais problemático. Terei hipótese de seguir o processo mais de perto. Por alguma razão, fui convidado à última hora, foi um pouco estranho. Também não fui solicitado na minha principal área de competência, que são os assuntos costeiros.

Acredita que a credibilidade do IPCC tenha sido afectada pelos episódios recentes de erros encontrados nos seus relatórios, como o das previsões do degelo dos glaciares nos Himalaias?

Sim, maciçamente. Eu não estou seguro de que o IPCC - e refiro-me àqueles que tomam as decisões - tenham aprendido alguma coisa. Não houve propriamente autocrítica. E vejo agora, na parte em que estou envolvido, que vários dos autores mais importantes são os mesmos de antes. Talvez um número grande tenha sido substituído, mas não os mais importantes.

O que há de errado com o IPCC?

O Grupo de Trabalho I [sobre a ciência física das alterações climáticas] tem-se saído bem, muito bem. No Grupo de Trabalho II, têm sido muito descuidados nalguns casos, incluindo no que toca a material não-científico. Introduziram [nos relatórios] materiais de ONG, algo que é completamente inaceitável. Os mecanismos de controlo do processo de revisão não funcionaram bem. Eles [os dirigentes do IPCC] também não entenderam que os conflitos de interesse não ocorrem apenas onde há dinheiro envolvido, mas também reconhecimento, e que isto pode resultar num certo enviesamento. Também não entenderam que devem ser implementados mecanismos para que os resultados das avaliações sejam independentes das pessoas que fazem as avaliações. Isto é, as pessoas têm de ser substituídas com frequência. Isto não foi compreendido.

Os erros apontados nos relatórios do IPCC são relevantes para os resultados globais dos seus relatórios?

Não, não são. É expectável que, quando temos um número tão grande de afirmações, algumas não tenham sido bem investigadas. Mas, se aceitamos isso, então precisamos de ter mecanismos que lidem com os casos onde se identifica que as coisas não estão em ordem. Neste aspecto, o IPCC falhou completamente, eles não estavam preparados. Fizemos, por exemplo, miniprocessos como o do IPCC para a região do mar Báltico, para a região da Grande Hamburgo, também para tentar identificar qual é o estado do conhecimento científico, e temos mecanismos para quando alguém encontra um erro.

O que fazem?

Não tivemos nenhum caso até agora. Mas dizemos: "Registámos a sua queixa de que algo está errado e iremos perguntar ao autor principal desta parte e a outros o que têm a dizer. Por favor, espere quatro semanas, oito semanas, e diremos se consideramos esta queixa procedente ou não". [Perante os erros apontados nos relatórios], o presidente do IPCC disse, imediatamente, "isto é nonsense" - sem considerar a possibilidade de a queixa estar correcta. Isto é profundamente antiprofissional.

Mas depois teve de admitir o erro.

Sim, mas devia ter dito logo: "Sim, é possível que isto esteja errado, vamos examinar o assunto." Ninguém se teria queixado.

E quanto aos emails pirateados da Universidade de East Anglia, o climategate, o que significou para si?

Num sentido, foi bom para mim, porque eles falaram negativamente de mim.

Quem falou mal de si?

Eu estava nos emails e não fui tratado de forma lisonjeira. Ficou muito claro que eu não era parte daquilo. Isto documentou, de alguma forma, que sou um pensador independente. O conteúdo dos emails pirateados demonstrou que as pessoas ali são apenas humanas. E que temos de ter mecanismos no processo científico que assegurem que grupos fechados não se tornem muito poderosos. E isto aplica-se ao IPCC: temos de substituir as pessoas que regularmente são parte do processo, de modo a que não formem estes grupos hegemónicos. Pessoas sérias e honradas podem cair nesta armadilha.

Todos estes casos certamente tiveram um grande impacto na credibilidade pública da ciência. O que a ciência tem de fazer para recuperar a confiança do público?

Não há uma resposta simples para isto. Em primeiro lugar, devemos reflectir sobre nós próprios. Devemos estar de acordo em que as decisões políticas devem ser tomadas na arena política. Elas não emergem do discernimento científico. Mas são o resultado da avaliação da ciência, e discutidas no contexto dos nossos valores. Os valores serão diferentes em Portugal ou na Alemanha. E são diferentes hoje do que há 50 anos. Este é um ponto importante: a ciência pode fornecer dados mas não pode tomar decisões. Por outro lado, temos de pensar em como lidamos com os outros, como lidamos com as críticas. Temos de abrir um canal de comunicação com os cépticos. Mesmo que 95 por cento dos cépticos não estejam a fornecer proposições úteis, talvez haja cinco por cento que estejam. Deviamos também permitir que os cépticos colocassem questões que pudessem influenciar a nossa agenda de investigação. Este é um processo de reconciliação que certamente é necessário. Talvez os cépticos não conheçam todos os factos ou argumentos, mas eles certamente não são estúpidos.



COMENTE ESTE ARTIGO

Critérios para publicação de comentários

Título

Restam 1200 caracteres

Texto

Nome

Email

Localidade, País

Anónimo

ENVIAR

PUB

[Galeria de Arte Cnap Pintura Serigrafia Escultura Oliveira Tavares, Miguel Barbosa www.cnap.pt](#) [Curso de Geriatria Formação Orientada para o Mercado de Trabalho.estágio no fim do Curso Cursos-cit.com/geriatria](#) [Adere ao moche tmn Por apenas €12,50 mês tens tudo à Borla, Chamadas, SMS, MMS. Até já! www.tmn.pt](#) [Carros Usados Todos os modelos e marcas a um Custojusto. Veja aqui! www.custojusto.pt](#)

18 Fevereiro 2011 - 17h07

Pesquisar